

Nilo César Batista da Silva*

**Marcas de uma filosofia existencialista
nas *Confissões* de Agostinho de Hipona**

Resumo: Este estudo trata da condição humana à luz do pensamento de Agostinho de Hipona (354-430). Os escritos de *Confissões* apresentam um leque de questões filosóficas e problemas existenciais que mostram como Agostinho se propõe iluminar o mistério humano a partir da experiência de vida e com o tempo informado da profundidade da sua vulnerabilidade existencial. Agostinho intervém nas suas obras frequentemente na primeira pessoa, o que faz que elas adquiram uma peculiar singularidade, em razão de seu modo absolutamente original de tratar os temas da filosofia. Nas *Confissões*, ele manifesta a sua condição humana e o seu combate interno. Esse modo humano, vulnerável, finito torna-se um abismo e, ao mesmo tempo, um elo entre o si mesmo e o absoluto. A essência humana revela-se assim paradoxal para Agostinho e

* Universidade Federal do Cariri – UFCA, Brasil.

Civitas Augustiniana, 13 (2024) pp. 17-39

ISSNe: 2182-7141

DOI: <https://doi.org/10.21747/civitas/13a1>

por sua vez, um mistério insondável. Neste estudo, estabelecemos um paralelo entre o modo de fazer filosofia de Agostinho, espelhado sobretudo nas *Confissões* e a perspectiva existencialista contemporânea, que também pensa o ser a partir da condição existencial.

Palavras-Chave: Agostinho; *Confissões*; condição humana; ser e essência; filosofia.

Abstract: Este estudio trata sobre la condición humana a la luz del pensamiento de Agustín de Hipona (354-430). Los escritos de *Confesiones* presentan una serie de cuestiones filosóficas y problemas existenciales que muestran cómo Agustín se propone iluminar el misterio humano a partir de la experiencia de la vida y con el tiempo informado de la profundidad de su vulnerabilidad existencial. Agustín interviene en sus obras con frecuencia en primera persona, lo que les confiere una singularidad peculiar, debido a su forma absolutamente original de tratar los temas de la filosofía. En las *Confesiones*, manifiesta su condición humana y su lucha interna. Esta forma humana, vulnerable y finita se convierte en un abismo y, al mismo tiempo, en un vínculo entre uno mismo y lo absoluto. La esencia humana se revela así paradójica para Agustín y, a su vez, un misterio insondable. En este estudio, establecemos un paralelismo entre la forma de hacer filosofía de Agustín, reflejada sobre todo en las *Confesiones*, y la perspectiva existencialista contemporánea, que también piensa el ser a partir de la condición existencial.

Palabras clave: Agustín; *Confesiones*; condición humana; ser y esencia; filosofia.

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos uma reflexão acerca da existencialidade humana à luz do pensamento de Agostinho de Hipona (354-430). Como se conhece pelos relatos da sua vivência pessoal que deixou nas *Confissões* (400), Agostinho experienciou tempos extremos de hesitação e conflito entre o profano e o sagrado que lhe ocasionaram tensões e por fim realizaram nele uma mudança radical de modo de vida.

Nas *Confissões*, encontra-se um leque de questões filosóficas e problemáticas de ordem existencial, balizadoras do sentido de ser. Nessa célebre obra, Agostinho busca lançar luzes sobre as sombras que circundam a arte da existência que se tornou para ele a *magna quaestio* da filosofia. O mistério humano que Agostinho se propõe iluminar não diz respeito, na verdade, apenas ao homem universal e abstrato, porventura idealizado através do modelo clássico grego, mas sobretudo ao homem concreto e vivente, conhecido a partir da sua experiência pessoal na relação com a temporalidade, informado da profundidade da sua miséria existencial. Os escritos das *Confissões*, sempre em primeira pessoa,

são marcados pela singularidade do seu coração inquieto, em razão de seu modo absolutamente original de tratar os temas da filosofia, e, por passarem de modo habitual pelo crivo da sua experiência pessoal, caracterizam-se como um manifesto interior. Esse modo humano, vulnerável, finito, aparece a Agostinho como um abismo e, ao mesmo tempo, como a via e o elo entre o si e o absoluto. Com efeito, a essência humana revela-se paradoxal para Agostinho e, por sua vez, um mistério insondável, tanto que, nas *Confissões*, Agostinho trata de Deus, do homem e do mundo em si mesmos, na perspectiva ontológica, embora não por si mesmos, mas sempre, afinal, como instâncias que permanecem avaliadas a partir da perspectiva existencial.

Neste artigo traçamos um percurso de análise que visa considerar as *Confissões* de Agostinho como uma propedêutica, uma antecipação ou prelúdio de uma filosofia da existência.

Não se trata, naturalmente, de enquadrar no rol dos filósofos existencialistas apenas porque ele se ocupou intensamente de problemas concernentes à existência humana, problemas esses que hoje recebem o qualitativo de «existenciais»¹.

¹ O termo «problema existencial» refere-se a um período de intensa reflexão e questionamento sobre o sentido da vida, a identidade, o propósito da existência. Para os filósofos existencialistas, a vida humana é baseada na angústia, no absurdo e na náusea provocada com o fato de a vida não possuir um sentido para

Com a sua personalidade excepcionalmente rica e plurifacetada, Agostinho legou à posteridade uma obra de reflexão e meditação filosófico-teológica que projeta as suas ressonâncias em pensadores tão distantes no tempo e na orientação do pensamento como Pascal, Kierkegaard, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, entre outros, que encontraram ecos no gênio agostiniano para elucidar suas principais questões em torno da filosofia da existência. Apesar desse contexto, torna-se importante dizer que não temos a pretensão de estabelecer nem aproximações nem confrontações com este ou aquele filósofo existencialista. Como vimos, a vertente existencialista do pensamento agostiniano já foi posta em evidência através de vários estudos de diferentes autores². Portanto, longe de ser uma dimensão marginal, ela constitui antes uma perspectiva fundamental e condicionadora desse mesmo pensamento na sua totalidade.

além da própria existência. Esse sentido é, então, construído por uma pessoa, em sua existência, a partir de suas escolhas, uma vez que possui liberdade incondicional. A essência humana desenvolve-se a partir da vivência de cada um, através das experiências que o ser humano alcança no mundo.

² Vários estudos evidenciam um vasto campo de investigação sobre o existencialismo em Santo Agostinho. Ver Charles Boyer, «San Agustín y el Existencialismo», *Sapientia* 2 (1947) 149-152; Aimé Solignac, «L'existentialisme de Saint Augustin», *Nouvelle Revue Théologique* 70 (1948) 3-19; J. R. Sanabria, «Existencialismo en San Agustín?», *Sapientia* 9 (1954) 103-111; Jules Chaix-Ruy, «Existence et temporalité selon Saint Augustin», *Augustinus* 3 (1958) 337-350; Maurice Huftier, *Le tragique de la condition chrétienne chez Saint Augustin*, Desclée, Paris 1964.

Na verdade, evidenciando o aspecto geral da questão, logo se percebe a divergência entre a perspectiva da existência desenvolvida por Agostinho, associada à matriz cristã da sua metafísica, e o existencialismo contemporâneo.

O existencialismo é uma corrente de pensamento que, por longo tempo, foi recusada pelo cristianismo, ao considerar que a filosofia existencial no mundo secularizado estimula as ações humanas apenas pelo impulso das liberdades individuais e defende a subjetividade, pela qual relativiza os valores ontológicos, ao ponto de negar a ação da providência divina no curso da história humana. A questão do sentido é pensada e resolvida com foco exclusivo nas escolhas humanas, sendo cada homem assumido como único mestre de si mesmo e construtor exclusivo do seu destino, entregue exclusivamente aos eventos da contingência. De todo modo, as grandes questões existenciais da humanidade estão presentes em todos os tempos nas obras filosóficas. Categorias como a angústia, o medo, a solidão, o sofrimento, o mal, porque são universais, são compartilhadas e dadas à reflexão por pensadores de todos os tempos. A existência humana desde sempre foi suscetível às intempéries do mundo.

2. As *Confissões*: paradoxos, dilemas e crises existenciais

No campo filosófico, devemos prestar atenção à semântica do termo *existir* (existencialidade) ou existencialismo. A existência, ou existencialidade, com efeito, não é um estado, mas um ato, a passagem da possibilidade à realidade. Como se apresenta a própria etimologia da palavra, existir é partir daquilo que se é para se estabelecer no nível daquilo que antes não era senão apenas possível. Neste aspecto, a posição de Agostinho afasta-se da doutrina existencialista moderna, pois para esta o homem é só «existência» – não há uma subsistência, uma essência, que possa definir a condição humana, muito menos uma identidade pensada a partir de uma existência recebida como dom da natureza divina.

Neste ponto de inflexão, trava-se qualquer pretensão para colocar a posição de Agostinho na esteira dos pensadores existencialistas modernos. A filosofia existencialista opõe-se formalmente à filosofia essencialista, de modo particular como ela é pensada no paradigma da ontologia agostiniana. No existencialismo, em oposição ao mundo externo, onde as coisas são, mas não existem, a existência é considerada uma propriedade exclusiva do humano: ela não é um estado, mas um ato; é, pois, algo dinâmico que se cria a si mesmo, continuamente, que luta por si, que dá a si a sua própria forma. A tese dos existencialistas de que a «existência precede a essência» indica que o homem primeiro

existe – está no mundo e encontra-se já aí sempre, como Heidegger repete. Só na sequência desse facto se vem a definir, a construir como um determinado, pois o homem nada mais é do que aquilo que ele próprio se faz, através da liberdade.

Podemos então vislumbrar que a doutrina existencialista pretende se distinguir de uma possível filosofia da existência demarcada nos escritos de Agostinho enraizada na ontologia clássica. O filósofo de Hipona carrega em si a forte herança clássica e transporta para a ontologia moderna o essencialismo, com suas breves restrições ao discurso do existencialismo moderno, mesmo com as variações de suas vertentes denominadas pelos autores atribuídos da expressão «existencialistas cristãos».

De onde provém a acentuada preocupação de Agostinho com as questões existenciais, desveladas em suas *Confissões*? Como é gerada e de onde provém, em Agostinho, tanta instabilidade emocional? Talvez possamos elencar pelo menos três motivos essenciais. Em primeiro lugar, a marca singular de sua própria personalidade; Agostinho um homem inquieto, tensamente dramático, profundamente insatisfeito, sedento de absoluto, teve na adolescência experiências traumatizantes; o tempo trouxe-lhe muitas experiências que ele integrou num processo de autoconhecimento que resultou na profunda compreensão da natureza humana, sobretudo nos domínios da afetividade e da sexualidade. As mudanças significativas ao longo de sua vida, o

processo de conversão, as idas e vindas, resultam de uma instabilidade motivada por experiências dolorosas constituídas de dilemas e paradoxos.

Para além de uma experiência intensa do humano como existência, finitude e anseio de felicidade, Agostinho destaca-se pelo seu gênio intelectual. Porém, Agostinho nunca foi vocacionado para ser um filósofo de gabinete ou um pensador de laboratório. A sua experiência com a filosofia sempre foi uma tentativa de aproximar vida e pensamento. A sua maneira de ser e a sua experiência da facticidade atiram-no frontalmente para a meditação filosófica, que se defronta com o mistério insondável da existência humana, embora ele se perca constantemente na imensidão desse mistério da existência. Nas *Confissões*, Agostinho definiu os momentos de grande perplexidade que experimentou na sua existência através da metáfora da grande cadeia, uma tessitura de perguntas sem respostas, um emaranhado de questões encadeadas em torno de razão e desejo, ou seja, da incompletude humana:

O inimigo dominava o meu querer, e dele para mim fizera uma cadeia, e amarrara-me com ela. Porque da vontade pervertida nasce o desejo e, quando se obedece, nasce o hábito, e, quando se não resiste ao hábito,

nasce a necessidade. Com estes como que pequenos elos ligados entre si – daí eu chamar-lhe ‘cadeia’ – mantinha-me preso a dura servidão³.

O pensamento de Agostinho traz as marcas profundas do tempo histórico em que viveu. Desde a sua estada em Milão até ao seu regresso em Hipona, toda a sua existência está marcada por tensões extremas e abissais, no plano pessoal e comunitário, na vida da cidade ou do Império. Para enfrentar estes abismos e tensões, ele usou a sua intuição filosófica. Na obra *A Cidade de Deus*, percebe-se como Agostinho enfrentou os desafios de seu tempo, viveu as angústias do povo Romano sob a destruição às mãos dos bárbaros, reagiu a muitas polémicas, controvérsias e ataques ao cristianismo. Agostinho tornou-se bispo numa terra que era campo fértil de visões extremadas, marcada por disputas internas na Igreja católica. O donatismo que se instalou no seio da Igreja romana caracterizou-se como um movimento de protesto popular que ameaçou as bases do direito e da ordem dos romanos na África. A crítica de Agostinho ao que ele considerava ser a atitude donatista contém pressupostos de amplas consequências⁴.

³ Santo Agostinho, *Confissões* [*Conf.*], trad. Arnaldo do Espírito Santo et al., 2ª edição, IN-CM, Lisboa 2004, VIII, v, 10; p. 182.

⁴ De acordo com Peter Brown o puritanismo donatista entrou em choque com o catolicismo de Agostinho, em que refletia a postura de um grupo de católicos confiantes em sua capacidade de absorver o mundo sem perder a identidade; essa identidade existia independentemente da qualidade dos agentes humanos da

Nas *Confissões*, identificamos uma escrita retalhada de dores e súplicas de alma ferida, uma escrita a golpes, tipo de uma alma dilacerada existencialmente. Escreve Agostinho: «eu próprio me tornara para mim uma questão magna e perguntava a minha alma por que estava triste e porque se perturbava tanto dentro de mim, e ela nada sabia responde-me»⁵.

Dentre as perplexidades que a interioridade da alma suscita, uma das mais dramáticas é, sem dúvida, a do «emaranhado» ou nó dos afetos interiores, onde se encontra a trama do desejo. «As minhas alegrias, dignas de pranto, lutam com as minhas tristezas, dignas de júbilo, e eu não sei de que lado está a vitória. Acaso a vida humana sobre a terra não é uma provação?»⁶.

Na sua experiência de desassossego e de busca, Agostinho tem uma indubitável certeza: a de que o ser humano é incompleto. Essa ânsia de absoluto aparece nas *Confissões*, quando escreve: «Quem me fará repousar em ti? Quem fará com que venhas ao meu coração e o inebries para eu esquecer os meus males e abraçar a ti, meu único bem?»⁷. Esta certeza leva-o a concluir que a

Igreja. «Enquanto a visão donatista da Igreja tinha uma certa consistência de rocha, a Igreja Agostiniana parecia uma partícula atômica, era feita de elementos móveis, um campo de tensões dinâmicas, sempre ameaçando explodir» (Peter Brown, *Santo Agostinho: Uma Biografia*, Record, Rio 2020, p. 267).

⁵ *Conf.*, IV, iv, 9.

⁶ *Ibid.*, X, xxviii, 39.

⁷ *Ibid.* I, v, 5.

incompletude acontece porque ele é criatura e não possui o modo mais perfeito do ser, que é imutável e sempre igual a si mesmo: «Outros hão-de passar e receber também a forma de existirem. Tu, porém, és sempre o mesmo»⁸. Embora o homem reconheça seu lugar na obra criadora de Deus, a sua existência é participada, não alcançando jamais o ser supremo a não ser a partir da própria delimitação, determinação ou finitude.

Na região mais profunda da alma onde Agostinho demarca o sentimento trágico da existência, a vida interior sempre nos coloca em confronto com as extremidades – o humano, na sua vulnerabilidade, e Deus, o absoluto em plenitude. A existência humana vacila entre os polos prazer/ dor, o prazer de desfrutar das coisas belas sensíveis, porém efêmeras, e o temor em perdê-las que causa dor. Nesses percursos de subidas e descidas, no frenesi do desejo, Agostinho põe-se sempre a caminho em busca do repouso que é o termo do desejo e aquilo que todo o impulso pretende alcançar⁹. Ser e existir motivam as crises e paradoxos da alma, desafiam o *status* presente. Porém é esse mesmo abismo e perplexidade que lhe permite alcançar o recôndito da memória e o leva a confessar as desventuras de sua infância e a reconhecer a estreiteza de sua alma. Diante disto, uma força estranha diz-lhe que

⁸ *Ibid.*, I, vi, 10.

⁹ Ver *Conf.*, I, v, 6.

não somos feitos para o fracasso; fomos feitos para ser sempre mais.

É no âmbito da evocação da memória que Agostinho se depara com o absurdo da existência. O exercício de rememoração confronta-o com a desordem e o conflito dos desejos e lhe traz o sentimento trágico da vida, em que muitas vezes se percebe como uma alma doente; «estreita é a morada da minha alma para que venhas até ela: seja alargada por ti». Está em ruínas: reconstrói-a. É no fundo-abismo de sua alma que Agostinho vislumbra a luz imutável que brilha no horizonte. A experiência relatada por Agostinho mostra que as questões existenciais colocam o ser humano em confronto com a sua própria liberdade. Com efeito, mostram também que a reação aos estímulos do mundo exterior manifesta ao ser humano a sua dependência desse outro de si, do diverso, como aquele de onde provém o que diminui a sua liberdade e o torna prisioneiro do desejo e do mundo fictício, forjado pela imaginação.

Na escuta interior, Agostinho reverbera: «e, por isso, a minha alma não estava de boa saúde, e atirava-se, ulcerosa, para fora de si, ávida de se roçar miseravelmente no contato das coisas sensíveis»¹⁰. A loucura ou a «doença» da alma faz com que a mera presença dos olhos e da faculdade da visão não seja suficiente para

¹⁰ *Ibid.*, III, i, 1.

que a percepção oriunda da visão se produza nas coisas com luminosidade. É o próprio corpo que se vê privado daquilo que os sentidos lhe proporcionam. A conexão entre o órgão do sentido e a realização da função que lhe compete depende inteiramente do estado de lucidez da parte racional da alma. Se esta se encontra cega pela insensatez ou pela loucura, se tem olhos e não vê, torna-se presa fácil das paixões. As paixões, na aceção estoica que Agostinho assume, são golpes violentos na alma: é a própria natureza humana quem desestabiliza o espírito humano, fazendo-o girar em círculo vicioso em torno da ordem e desordem. Um espírito submerso e oprimido pelas paixões transparece na expressão do rosto, sem que nada tenhamos dito ou feito para manifestá-lo, como acontece com qualquer outro movimento da alma. Agostinho, descrevendo o encontro com Alípio no Jardim de sua casa, percebe a angústia no rosto de Alípio.

Naquela intensa luta da minha morada interior, luta que eu intensamente desencadeara com a minha alma no nosso quarto, que é o meu coração, perturbado tanto no rosto como no espírito, dirijo-me intempestivamente a Alípio, exclamo: ‘Por que padecemos?’ [...] A frente, as faces, os olhos, a cor, os tons de voz revelavam o meu estado de espírito mais do que as palavras que proferia¹¹.

¹¹ *Ibid.*, VIII, viii, 19.

O rosto de um ser humano traduz o sentimento de sua alma, ainda que ele não tivesse nenhuma intenção de exprimir tais sentimentos. No espírito humano refletem-se as paixões da alma. Como Agostinho reconhece, é o homem todo que sente,

...de fato, quer pela alma quer pela carne, que são partes do homem, pode designar-se o todo que é o homem nas expressões da alma. Desta forma, o homem animal não é uma coisa e a outra o homem carnal, ou outra coisa o homem racional, mas a mistura de um e outro designam o mesmo homem¹².

Ou, como escrevia anos antes, no *Comentário Literal ao Livro do Génesis*, «A carne a nada pode aspirar sem a alma; por isso, a causa da concupiscência carnal não reside apenas na alma e muito menos apenas no corpo, de fato tem origem nas duas; na alma, porque sem ela não se sente prazer algum, e no corpo, porque sem ele não se sente prazer carnal»¹³.

O quadro existencial desenhado por Agostinho nas *Confissões* é de uma existência ferida. São difusas imagens despedaçadas da alma que revelam a luta para entender como a vontade humana vive na sua extremidade entre o querer e o não

¹² Agostinho, *A Cidade de Deus*, XIV, 4.

¹³ Agostinho, *De Gen. ad litt.*, X, 12, 20.

querer. Como pode querer e, ainda assim, não ter a força de vontade para fazê-lo?

Donde vem esta monstruosidade? E por que isto? O espírito manda no corpo, e é logo obedecido: o espírito manda em si mesmo e encontra resistência. O espírito manda que a mão se mova, e a facilidade é tanta que a custo se distingue a ordem da sua execução: e o espírito é espírito, e a mão, corpo. O espírito manda que o espírito queira, e, não sendo outra coisa, todavia não obedece. Donde vem esta monstruosidade? E por que isto¹⁴?

Agostinho é de fato um homem marcado pela dor existencial. Os sentimentos misturam-se de maneira tal que ele se mostra indeciso: «dominava-me um pesadíssimo tédio de viver e um medo de morrer»¹⁵. Ao trilhar as veredas com Agostinho, logo se percebe nele ‘o homem das dores’, mas, por outro lado, um homem movido por esperança e fé. De sua intimidade faz revelações dramáticas:

Uma alma despedaçada a escorrer sangue [...] gemidos e lágrimas [...] pesava sobre mim o grande fardo da desgraça [...] nem tinha forças [...] continuando eu a ser um lugar de infelicidade, onde não podia permanecer e donde não podia afastar-me¹⁶.

¹⁴ *Conf.*, VIII, ix, 21.

¹⁵ *Ibid.*, IV, vi, 11.

¹⁶ *Ibid.*, IV, vii, 12.

Um estudo muito aprofundado sobre a existência humana em Agostinho se encontra nos comentários às *Confissões* na edição francesa, organizada por Solignac (1962), o qual acentua a noção de interioridade e linguagem como elemento nuclear do génio agostiniano. De acordo com Solignac, falar de interioridade significa falar da alma, o que identificamos no hiponense o descobridor do homem e sua interioridade, não só pela importância que a este dispensou, mas também pelo estilo de sondagem das profundezas humanas ao interpelar as sensações, a memória, os afetos e a alma. No mais fundo da alma se busca a Verdade, porque ela habita no seu interior; no recôndito da memória, os vestígios da bondade do Criador.

3. A essencialidade em confronto com a existencialidade.

A ontologia de Santo Agostinho é profundamente marcada pela herança platônica, mas reinterpretada dentro de uma visão cristã. Seu ponto de partida é sempre Deus como ser absoluto, fundamento de toda realidade, enquanto as criaturas são metafisicamente dependentes, mutáveis e contingentes. Agostinho afirma repetidamente que Deus não apenas tem ser, mas é o próprio Ser. Sua ontologia tem como eixo a identificação de Deus como a

plenitude imutável: «Pois, a vontade de Deus não é uma criatura, mas existe antes da criatura, porque nada seria criado, se a vontade do Criador não precedesse. Logo, a vontade de Deus pertence à sua própria substância»¹⁷. «Em Deus, ser e viver são uma só coisa, porque nele não há mudança», como escreve Paula Oliveira e Silva,

...todavia, o que move Agostinho na demanda da natureza da ordem e a convertê-la, na conexão radical que tal noção estabelece com o cogito humano, no cerne da sua ontologia, é a experiência limite de um ser que se dirige ao real não apenas descodificando-o mediante sinais convencionais, mas acima de tudo indagando acerca do sentido da própria existência – de si mesmo e de quanto o rodeia –, avaliando as diferentes formas de ser e tendendo, irrefragavelmente, a possuir aquela que discerne como melhor¹⁸.

Contudo, o alvo da ontologia agostiniana será a demolição do grande edifício dualista maniqueísta, para propor em seu lugar uma ontologia relacional e unitiva, por sua vez, constitutiva da ideia de *homo totus* que se diz na fórmula corpo/alma/mente. Assim, o maniqueísmo vai sendo superado passo a passo por Agostinho, pela ideia de um composto humano unitivo, guiado pelo princípio neoplatônico da superioridade da alma sobre o corpo, que eventualmente decorre da noção de interioridade da alma com relação ao corpo.

¹⁷ *Ibid.*, XI, x, 12.

¹⁸ Paula Oliveira e Silva, *Ordem e Mediação: a ontologia relacional de Agostinho*, Letra & Vida, Porto Alegre, RS 2012, p.152.

Agostinho inaugura no pensamento tardo-antigo os alicerces de uma ontologia do ser humano menos fracionado, desde a sua essência à demanda de sua existência. Enquanto os platônicos não tinham a menor preocupação em assegurar a preciosidade da unidade nem a permanência do composto humano, Agostinho responderia ao platonismo que uma alma só será alma se tem um corpo que possa usar, e que um corpo só é corpo se estiver a serviço de uma alma. Evidentemente, todo esforço de Agostinho para compreender o drama existencial da vida humana tem seu pano de fundo no desejo de ser. Os seus escritos são marcados pela busca da compreensão ontológica da alma. A busca por entender se, na estrutura ontológica do ser humano, há marcas impressas do divino, é sem dúvida um fato marcante na filosofia agostiniana. Contudo, apesar da sua forte acentuação mística, Agostinho nem por isso deixa de contemplar, em razoável medida, a perspectiva ontológica, ou seja, a reflexão e análise do humano na sua existência finita.

De resto, por mais relevo que uma filosofia atribua à investigação do mistério da existência, sempre acaba por ser remetida para uma maior ou menor reflexão sobre as essências, enquanto contexto ontológico da existência, necessário para a sua compreensão. Uma leitura, mesmo que superficial, do pensamento filosófico de Agostinho remete-nos de imediato para o modo como ele situa as questões existencialistas, sempre vinculadas ao discurso essencialista, ou seja, a pergunta pelo ser. A existência e a essência

na ontologia agostiniana, assim como toda a ontologia clássica, são alicerces dos três grandes pilares da história da filosofia, a saber, Deus, o homem e o mundo. As questões em torno da essencialidade, isto é, a filosofia do ser, inscrevem-se nas preocupações da existencialidade, aparecendo esta como originária, fundamental e relativizadora em face daquela. Como exemplo, basta examinar com atenção o cerne da teologia do verbo em Agostinho que deve ser articulado como presença efetiva de Deus no mundo e mediação histórico-existencial. O Verbo é manifestação de Deus na ordem da experiência humana, interior e existencial, tanto do ponto de vista da encarnação quanto da iluminação interior da mente. Desde a perspectiva da encarnação, para Agostinho, a projeção da alma em direção ao Ser passa necessariamente pela relação com uma pessoa concreta; trata-se de uma relação existencial que revela ao homem o sentido de seu próprio ser.

O problema que se origina nos primórdios do surgimento da filosofia, a saber, a relação entre o uno e o múltiplo, será transfigurado para o problema da relação entre homem e Deus, que se efetiva mediante a contemplação do Ser trinitário através da realidade criada, aprofundada com a revelação, possuindo uma Mediação que reintegra ontologicamente ambas as realidades – a divina e a criada; isto é, existencialidade e essencialidade. A atuação da divindade na experiência existencial da humanidade

acontece historicamente na realidade criada, não por uma iniciativa exclusivamente humana, obviamente, mas divina. No verbo encarnado, Deus, que transcende a ordem das coisas porque é Ser imutável e doador de ser a elas, assume esta mesma vida, submete-se a ela, configura-se ao transcurso da história para, desde a realização ontológica dos seres no tempo, restaurar ‘eticamente’ a ordem comprometida.

4. Considerações finais

Todo o discurso agostiniano, na senda da verdade ou da sabedoria, transita da metafísica para o axiológico e existencial. Ele busca o bem ou o valor da verdade e, em definitivo, a verdade beatificante. O ser interessa-lhe em função do agir, do dever ser, a investigação em função da vivência, a essência em função da existência. Há no ser humano um débito ontológico em relação com o criador. Através de uma análise mais estruturante da obra *As Confissões*, podemos observar o esquema do projeto de Agostinho. Na primeira parte da obra (desde o início até ao livro IX), ele estrutura a sua filosofia da existência, reconhecendo diante de Deus a sua experiência existencial dramática, onde descreve a figura de um homem perdido no mar revolto de uma existência desnordeada em demanda das águas tranquilas da âncora divina. Na segunda

parte (capítulos X e XI), o hiponense esboça o esquema da ontologia de Deus do mundo criado no tempo e no espaço para encerrar a sua longa meditação refletindo sobre o homem e o seu lugar no conjunto da criação e em face de Deus, como ser criado para Deus, no qual encontra a plenitude da sua realização humana e o sentido último da sua vida. O homem é chamado, pelo amor inscrito no seu coração, e conduzido pela inquietude que o habita, a dominar sobre toda a criação, subordinando as realidades inferiores às superiores, não se conformando com este mundo, mas voltando-se para o criador, vivendo cada vez mais próximo da fonte da Vida, até ver a luz sobre si próprio na Luz divina e aí alcançar a perfeita felicidade. Através da leitura dos *Livros dos Platônicos*, Agostinho começa a conceber Deus como realidade espiritual, afastando-se assim da concepção antropomórfica que lhe fora desenhada pelos maniqueus. Compreende que o mal é ausência de bem, e não uma natureza ou substância. Essa visão o aproxima do cristianismo, mas ainda falta força para se converter de fato. As *Confissões* representam também a síntese criativa entre elementos da filosofia clássica – especialmente o platonismo – e a experiência cristã. Agostinho emprega conceitos filosóficos para interpretar a fé, mas deixa claro que a revelação cristã supera e corrige os limites da razão. A ascensão neoplatônica conduz à contemplação do inteligível, porém não explica a encarnação, o pecado e a graça. O cristianismo oferece, segundo ele, a chave que faltava: o Logos incarnado no tempo, que ilumina interiormente cada ser humano.

Contudo, percebe-se claramente que a origem, ou seja, a base de fundo da antropologia de Agostinho está na abordagem mais profunda sobre a existencialidade humana; portanto, o percurso que Agostinho estabelece sobre a vida interior da alma, que tem a sua raiz última na memória onde se resguarda um apelo à felicidade original, é um ponto fulcral na sua filosofia da existência.